

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços assignatura	Anno		Semest.		Trim.		N.º	
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	4 n.º	3 n.º	1 n.º	entrega	
Portugal (franco de porte m. forte)	18000	9000	4500	2250	1500	500	120	
Possessões ultramarinas (idem)	18000	9000	4500	2250	1500	500	120	
Estrangeiro e India	20000	10000	5000	2500	1750	580	120	

38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1310

20 de Maio de 1915

Redacção — Administração — Atelier de gravura  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4  
Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto  
Largo de S. Roque, 11 e 12

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



João Chagas

INDIGITADO PRESIDENTE DO NOVO-MINISTERIO—VICTIMA DUM ATAQUE NO ENTRONCAMENTO, FEITO, A TIROS DE REVÓLVER, PELO SENADOR JOÃO DE FREITAS

## CRONICA OCCIDENTAL

Cumpre-nos definir, mais uma vez, a attitude desta Revista.

Adiante relatamos sucintamente os acontecimentos revolucionarios succedidos no meiado deste mês. Os factos impõem-se—e ainda é demasiado cedo para anotal-os de comentarios que mereça n.

Entretanto, devemos reconhecer que não significam um caso esporadico, cuja

diagnose fosse difficil de distinguir—antes são iniludivelmente um corolario derivado a rigôr da ultima situação politica. Não seria necessario ser profeta para prever esses acontecimentos.

Nós, que não timbramos de excessiva clarividencia em assuntos de politica, previmol-os com facilidade e pudémos annunciar os ás claras nesta Revista. Para isso não utilisámos qualidades excepcionaes de observação—simplesmente, esforçamo-nos por ver com imparcialidade.

Achamos que não é propicio o mo-

mento para integrar-nos, ás cegas e ás tontas, numa das facções politicas das muitas que pululam e tumultuam actualmente Portugal em fóra, nem, posto que o pretendessemos, sequer teriamos indole amoldavel ás contingencias e exigencias dum partido. Temos por norma de dignidade agir segundo as nossas forças e os dictâmes da nossa consciencia—que pode não ser, e não é nunca, em verdade, a consciencia dos outros. Isto é, pensamos e agimos, á custa do nosso esforço proprio.

A nossa liberdade não roçará, de leve, o ambito da liberdade relativa dos outros. De resto, os outros somente nos preocupam, a par e passo que podem tornar-se materia digna de estudo. Assim, os nossos actos não prejudicam ninguem, nem os nossos pensamentos são laivados de tendencias malevolentes ou acintosas.

Os erros dos homens afastam-nos, mais e mais, das suas seitas. Não queremos, pois, solidarisar-nos com elles. Basta-nos assumir a responsabilidade das faltas que por malaventura cometâmos.

Afastados de todos—percebemos que muitas vezes arriscamo-nos a ser olhados por todos de soslaio e limitar o ambiente facil da simpatia. Em compensação, orgulhâmo-nos de observar claramente os factos e seguir processos de honestidade intelectual rigorosissimos.

Temos, pois, o direito de dizer de nossa justiça sobre os acontecimentos que vão, dia a dia, succedendo...

Aqui temos clamado sempre contra o desvario da nossa gente. Na ultima Cronica registramos observações dolorosissimas que factos successivos tornaram de realidade flagrante.

E' que a ultima situação politica dispunha-se de molde a provocar suspeitas justificadas. O sr. Pimenta de Castro não possuia envergadura bastante para arcar com ela poderosamente. Sim. Mas neste ponto começam de indignar-nos os modos livres, indignos, indecorosos, de que alguns elementos conservadôres estão usando, agora, ante o ex-presidente de ministerio, amesquinhando-o e apontando o em alvo de irrisão...

Acusando-o—acusam-se a si-propios. Amesquinhando-o—amesquinham-se a si-propios. Cobardes—atacam uma victima, que as circunstancias esmagaram, inerte para a defeza. Reles, ineptos—assim pagam a complacencia, quasi sem limites, que o sr. Pimenta de Castro soube conceder-lhes.

ANTONIO COBEIRA.

## CURIOSIDADES

Paul Bourget e M.<sup>me</sup> de Thèbes

M. Paul Bourget, o successor de Balzac, o maior romancista dos nossos tempos, ainda não ha muito publicou uma obra-prima, soberba de analyse e rica de pensamento: *Le démon du midi*.

Não será interessante relembrar o que desse luminosissimo espirito escreveu M.<sup>me</sup> de Thèbes, decifrando os mysterios da sua mão direita?

Evidentemente, á primeira vista, a sua mão revela um imaginativo. O dedo minimo destaca-se, alonga-se, evola-se. Sim, evola-se. Este dedo minimo não é somente o dum romancista qualquer, é tambem o dum romancista phylosofo e christão.

Não é um minimo vulgar, é uma flecha de campanário. Elle dirise toda a mão, embora os seus visinhos pareçam dominá-lo.

Não é mais que uma apparencia. Elles não vão além do tamanho normal. Só elle é maior que de natureza. E' verdadeiramente o chefe desta mão — desta alma.

No seu conjuncto a mão contrasta com a figura e o corpo do individuo. Ella é mais fina, mais sensivel, mais intuitiva do que se teria logo imaginado ao vêr o homem.

Ella revela o esforço delle sobre si mesmo a sua vontade de se afinar por effeito duma ambição e de aspirações nobres, que vêem duma seiva interior, duma chamma secreta. Mystério de atarismo e de predestinação. Os dedos são cónicos, as pólpas desenhadas. E' verdadeiramente uma mão de artista que se fez á custa de si proprio, e que lutou muito.

Lêem-se nella coisas escondidas.

M. Bourget tem um merito infinitamente grande em ser o homem que é.

M.<sup>me</sup> DE THÈBES

## Folhas soltas

## O culto das flôres

Acabo de ler com infinito interesse um livro sobre o culto da flôr.

Atravez das suas paginas o auctor faz a encantadora biographia da flôr atravez das diversas épocas da historia, e vemos quanto os nossos antepassados estimavam muito mais o culto das flôres que nos, vivemos em uma época na qual todos fallam de belleza e arte!

Em o nosso paiz a flôr longe de ser um elemento decorativo no proprio lár, é olhada com o nosso caracteristico desdem. E chega isto a tal ponto que todas as vezes que se organisa uma batalha de flôres, tem sido sempre um espectáculo irrisorio. N'este paiz onde a flôr deveria ter um culto muito especial, terra em que o sol vem sempre beijar os jardins com infinito encanto, não fazem caso d'ella e desdenham os seus cubiçados perfumes. Quantas casas poderiam estar sempre enfeitadas com flôres? Quantas festas não se podiam organisar?

São quatro horas da manha, do dia 14, sinto salvas no Tejo! Que seria? Alguns signaes decerto! Focos electricos illuminam a cidade

A luz da aurora vae chegando pouco a pouco, as casas de Lisboa vão sahindo frouxamente da penumbra da noite. Os primeiros raios do sol apparecem, illuminando dolentemente as primeiras victimas da revolução.

Bella manhã de maio! Chovem sobre a capital algumas granadas, iniciam-se incendios, choram familias de terrôr!

Venceu mais uma vez a vontade do Povo. Pouco a pouco tudo foi entrando na normalidade. Pelas ruas os marinheiros trazem nas carabinas ramos de flôres a indicarem a paz, entre portuguezes.

Foi então que me veio á mente como elles vieram recordar-me o artigo já principiado sobre o culto da flôr...

Já posso attestar agora que o verdadeiro culto da flôr, nasceu entre nós apoz uma revolução. As ballas transformaram-se em flôres, mais uma vez o nosso povo veio provar as paginas da sua historia que possui uma grande alma de poeta.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



## Da Grande Guerra

Le Roi est mort, vive le Roi!

Altas horas da noite. O *Léon Gambetta* singra num mar de calmaria... Extenuada dos labôres da guerra a tripulação dorme. Apenas velam o commandante, o empregado da telegraphia, o homem do leme, o official de quarto... e poucos mais.

Numa entreaberta de luar avista-se o periscópio dum submarino. Corre o signal de alarme. Os marinheiros, como acordados em meio dum pesadello, precipitam-se para a tolda. O primeiro torpêdo varava nesse instante o flanco do couraçado. Sentindo-se ferido o *Léon Gambetta* endireitou-se dum salto, como quem reúne toda a sua coragem para defender-se.

Depois, mortalmente ferido, estremeceu num arranco, avançou mais uns passos na ancia de salvar-se, e por fim, exausto, afocinou...

Era uma e meia da madrugada. Escondêra-se a lua. O mar, em cachões, inundou a casa das machinas, e lá se fôra a luz electrica...

No momento do alarme, quando os homens corriam em todas as direcções, ainda tontos da fadiga e do somno, a voz pura do almirante Senès ergueu-se e ressoou, num trovão de commando:

*Todos a seus postos, marinheiros de França!*

Era preciso abandonar o navio. Nem pensar se em combate; ia já longe o submarino austriaco. Fugira pela noite nêgra, tal como viera, sorateiramente: um bandido que assalta o primeiro viandante e o deixa entregue á sua dôr, a escoar-se de sangue...

Deitam-se os escaleres. Alguns barcos de pesca tinham assignalado o naufragio. O semáphoro de Santa Maria de

Leucca chama desesperadamente por soccôrro. Acodem mais barcos.

Em poucos minutos desaparecia o *Léon Gambetta*. Como nos Dardanellos a bordo do nosso infeliz *Courbet*, na ponte do commando reúnem se todos os officiaes em volta da bandeira tricolôr. E ao sumir se nas ondas, para sempre, o velho couraçado, todos se levantam mais, e naquelle scenário de horrôr duma tragedia antiga, sôa um grito — um grito de supremo adeus a trasbordar de fé: *Vive la France!*

Ao chamamento de Santa Maria de Leucca os torpedeiros de Otranto, de Brindisi e de Tarento acorrem pressurosos... Debaixo do céu incomparavel da Italia, o mar de rosas, enganadôr como uma bella sereia, tragára num momento 700 bravos...

Tres dias depois em Bordeaux, nos estaleiros da Garonne. A multidão febril agita-se no caes. Ha um entusiasmo indescrivel, solemne. O *Languedoc*, lembrando-nos uma velha e tradicional provincia francesa, irmão gêmeo do *Provence*, deslisa vagarosamente para o mar. Ouve-se uma grande, uma enorme salva de palma. Sôa tambem no ar, guerreira e altiva, a *Marselhêsa*.

Faz-se depois um silencio profundo. Em nome na Patria vae falar o ministro da marinha para bendizêr e saudar o *Languedoc*. Nas suas palavras, concentradas e tristes, ha todavia um accento energico de esperanza:

*«E' sempre um commovente espectáculo vêr a roda da proa dum navio fender as ondas, a primeira vez. Instinctivamente preguntamos a nós mesmos qual será o seu destino. Mas nas horas que vivemos, a angústia é mais intensa ainda... Um unico pensamento nos anima, um unico pensamento nos deve animar sempre: a victoria!...»*

Paris, maio de 1915.

BERTRAND DE MONTROSE



## A ALMA

Se fôras só mortal que te servira  
Ter vindo a luz para lutar somente?  
Sofrer, agonisar, e n'um repente  
Sentir a eternidade vã mentira!

Existe em nós um ser que a tudo aspira  
Subtil, doce intuição que o ceu presente  
Um ser que sofre e gosa, e descontente  
Por um amor ideal sempre suspira.

Se tal não fôra, esta existencia um horto  
Onde conduz estrada dolorida;  
Por fim, do horrendo nada o desconforto!

Bem certo que não morres, alma querida.  
É que a saudade que nos deixa o morto,  
Reforça o laço que te prende á vida

(1884)

NEMO



SALVATOR ROSA



PAISAGEM POETICA

(Coleção Moreira Freire)

## Visão

A Antonio Cobeira



*Quando ás vezes medito na desgraça,  
Crises de aviltamento, lama a rôdo,  
Que teem feito a vida negra e baça  
Neste meu bom e santo país todo,*

*A febre da loucura me trespassa,  
E em voz de raiva grito com denodo:  
«Já dais a hora do final da Raça,  
Gente bastarda que viveis no lôdo?!»*

*Então — milagre? — á minha voz aflita  
Corre pelos ceus uma luz bemdita  
E surge ao longe o vulto de Camões:*

*A luta amansa quase de repente,  
Acorda Portugal, e a sua gente  
Bem alto ergue de novo os corações!...*

CESAR CASQUEIRO





DR. ALBERTO MACHADO  
ILUSTRE REITOR DO LICEU DE PASSOS MANUEL

S. Ex.<sup>a</sup> realizou, dia 25 de Abril, num. salão deste estabelecimento de ensino uma notabilíssima conferencia, subor linada ao titulo — *A Educação Moral* que mereceu da assistencia aplausos calorosos. Passamos a transcrever nas colunas desta Revista toda a conferencia, que o sr. dr. Alberto Machado teve a gentileza de nos ceder.

## A EDUCAÇÃO MORAL

*Educação moral* é o tēma mais complexo que alguém com a mais vasta cultura de sciencias sociais, psicologia, biologia e em geral de todos os domínios do saber, podia procurar para sobre êle durante muitos anos e depois de infinitas observações e experiencias escrever um tratado em numerosos volumes.

Cumpre-me pois primeiro que nada esclarecer que eu não tive a pretensão, de tocar, ao de leve sequer, em todos os multiplos aspectos do problema pedagógico, que se podem compreender sob aquella designação.

Pensei apenas tratar, muito resumidamente, afastando todas as considerações teóricas, do que me parece ser o *alcançe moral dum sistema de educação*.

A minha ideia exclusivamente prática foi a de chamar a atenção para o que tão erradamente tem sido votado até hoje a um deploravel desprezo.

A razão porque vamos aqui falar das influencias da educação sobre o organismo moral é que julgamos que o desideratum que devem ter em vista todos os que colaboram na educação dum creança deve ser a formação e o desenvolvimento do seu caracter.

O caracter vale muito mais que a cultura. Não ha instrução que frutifique e que possa reverter intensamente sobre o próprio e sobre a sociedade em que êle vive, se a inteireza moral não fôr no individuo a função predominante.

Deve admirar-se, o homem culto; mas não deve esquecer-se que a grandeza dalma, a vastidão do espirito, o respeito pela que é grande e elevado; a energia na acção, o amor da verdade, o altruismo e a honestidade, tudo isto pode faltar ao mais instruido dos homens.

Que é então que contribui para a formação dum caracter elevado e nobre?

Tudo, desde as primeiras palavras que a criança escuta; desde os primeiros gestos que a criança vê; desde a primeira casa em que a criança vive.

E assim é que, como primeira influencia moral e educativa, temos de reconhecer a familia e o lar.

E' ai que o individuo é tratado e amoldado em detalhe.

E' esse o meio em que se desenvolve exactamente no periodo da sua vida em que a sua percepção é mais viva e em que maior numero de ideias adquire. Diz um psicólogo americano que o numero de ideias que a criança apropria até os 10 anos é superior ao que um sábio conquista de novo em dezenas de anos de estudo.

Tudo no lar tem portanto uma acção definida no caracter da criança. Superior a tudo, no entretanto, é a influencia exercida pelo elemento predominante ali — a mãe. Essa influencia é que é para sempre indelevel.

Napoleão costumava dizer que a futura conducta bôa ou má dum creança dependia inteiramente da mãe. Os relatórios escolares do inspector Tufnell contam que o director de certa

fábrica antes de contratar um menor, inquiria sempre do caracter da mãe e se este era satisfatório, a conducta do jovem operário era quasi sempre bôa. O caracter do pai não entrava sequer em linha de conta. George Washington, orfão de pai desde muito pequeno adquiriu de sua mãe que o educou, as qualidades de caracter e persistencia que o distinguiram.

O biografo de Comwell pouco falando do pai do Protector faz um longo estudo do caracter de sua mãe que descreve como ama mulher de raro vigor e de acção decidida.

O Duque de Wellington cujo pai só foi notavel como músico, foi de sua mãe, com quem passou a infancia, que adquiriu a personalidade e o caracter.

Das mães de Scott, de Goethe e Schiller falaram os seus biografos atribuindo-lhes muitas das suas qualidades.

Um viajante que falou á mãe de Goethe escreve: «agora compreendo eu porque Goethe se fez o homem que é.»

Das paginas mais belas de Michelet sobresaem aquelas em que exalta a memória da mãe pela benéfica acção que teve na formação do seu caracter.

E' por isso que De Maistre relembrando que das obras de arte que tem perdurado atravez de todos os seculos nenhuma delas é devida ao pincel, á pena ou ao cinzel dum mulher diz: «mas tem sido sobre os joelhos das mães que os homens mais notaveis têm recebido as primeiras inspirações da vida.»

Enquanto, porem, os exemplos de doçura, de bondade, de perseverança e força de caracter das mães frutificam nos filhos, a perversidade, a rudeza e a licenciosidade delas não deixa de assinala-los indelevelmente.

Um dos talentos poéticos mais excepcionalmente dotados do seculo passado deixou uma obra em grande parte nefasta por força da deletéria influencia da educação maternal.

Foi Byron.

A sua mãe brutalisava-o de tal forma que em impetos de ira lhe atirava á cabeça os ferros do fogão obrigando-o a fugir espavorido. Ele proprio reconhece quanto lhe estragou a vida a sua educação dos primeiros anos quando escreve no Childé Herold:

«And thus untaught in youth my heart to tame  
My springs of life were poisoned.»

Uma mãe má ou imbecil estraga muitas vezes o caracter dum filho incutindo-lhe no espirito que pode ser brilhante, sentimentos mesquinhos.

Quando Napoleão dizia que a França precisava de mães, êle apenas expressava a sua justa opinião de que o povo francês carecia de uma perfeita educação doméstica.

A primeira revolução francesa evidenciara os resultados nefastos dum educação em que não se pudéra sentir a influencia purificadora das mães.

Quando a grande revolução rebentou, a sociedade estava impregnada de vicio e dissolução. A sua única força efectiva, como diz Taine, eram as paixões populares.

O caracter da mulher tornara-se depravado; a maternidade era tida em abominação; a familia e o lar estavam por igual corrutos.

A sociedade não sentia o elo da pureza doméstica.

As crianças cresciam sem outros ensinamentos além das lições de injurias e insultos que ouviam ás megeras a quem chamavam mães.

Estorrou a revolução ao som dos gritos ferozes que, descompostas, com os olhos injectados e os pulsos fechados e ameaçadores, soltavam odientas as *citoyennes*.

—A la lanterne! A la lanterne! — bradavam sequiosas de carnificina.

E foi assim que tanto sangue veio a correr e tanta barbidade veio a ser cometida.

A lição não havia, porem, de aproveitar desde logo e a verdade é que a França havia de continuar subvertendo-se até purificar a instituição da familia, adquirindo aquela disciplina, obediência e dignidade que só se aprendem realmente no lar.

O povo francês de hoje, não ha quem o não testemunhe, temperado o seu character na escola do infortúnio, reconstituiu as suas virtudes familiares e a mulher do povo e a burguesa tão diferentes das que nos pintam esses romances franceses escritos para — *détraqués*. — são a antítese da cidadã que tornou possível o terror.

Só a ignorancia pode pretender que aquele periodo vergonhoso fosse o resultado da grande convulsão politica.

Duas convulsões politicas e das mais violentas abalaram a Inglaterra no seculo XVII.

Ambas elas derrubaram monarcas incontestavelmente inferiores em talentos e em amor pátrio a Luiz XVI.

Sobretudo a revolução de 88 ao mesmo tempo que punha termo a um regime de opressão que perseguia e humilhava a nação quasi inteira, modificava completamente o direito politico e as bases do constitucionalismo moderno, vindo a repercutir-se duma maneira notavel sobre toda a futura sociedade europeia.

Ela só pode ter logar depois de se ter operado, como descreve Macaulay, não só nas tendências mas até nos próprios sentimentos politicos da maioria, uma completa transformação.

Pois ambas aquelas revoluções se fizeram sem que, como em França, cabalas vitoriosas se organisassem para a perseguição ou para o roubo, para a vingança mesquinha ou para o assassinio covarde.

E' que os Stuarts caíram por não terem compreendido a epoca a que pertenciam e as duas revoluções inglesas não foram o resultado da miseria da degradação e do vicio.

Por maior que fosse o caos politico, a instituição da familia nada sofrêra, antes ao contrário se achava na sua maior pureza, e por isso o povo, robustecido pela virtude, continuou vivendo feliz.

E', pois, na familia que a primeira e mais duradora acção moral se exerce.

O lar é a mais importante escola de character, diz Smiles.

E' ali que todo o ser humano é imbuido daqueles principios de conducta que resistem pela vida adiante e só desaparecem com a morte.

Esses sentimentos cujo substratum é o character, começam a infiltrar-se insensivelmente desde a primeira infancia.

A mãe duma pequena de 4 anos que um dia perguntava a um mestre quando devia começar a educação do filho, este respondia-lhe: «minha senhora se ainda não começou perdeu 4 anos.»

E' na primeira infancia que o espirito está mais aberto ás impressões e pronto para ser alumiado pela primeira scintilla que o alcance.

As ideias apanham-se então rapidamente e são mais duradouras.

Depois cada educador vai sucessivamente exercendo uma influencia cada vez menor.

Um circum-navegador do mundo é menos influenciado por todas as nações que viu nas suas viagens do que pela sua ama, diz Richter.

Quem entregar, portanto, uma criança aos cuidados duma mulher indigna e ignorante, mais tarde não poderá por meio de cultura alguma remediar o mal que fez.

O primeiro educador da criança é o exemplo: não pode deixar de imitar o que vê; tudo é para ela um modelo de maneiras, de gestos, de linguagem, de habitos, de character, emfim.

Como a familia, embora em menor grau, também a casa e todo o *entourage* em que a criança passa a sua infancia veem a influenciar duradouramente o seu desenvolvimento moral.

Se a casa é uma habitação repelente, donde a criança que nela cresce, desejaria antes fugir, o seu character oprimido pelo

mal estar, nunca poderá devidamente expandir-se e, privada da felicidade, a que Spencer chame o primeiro elemento para o progresso individual, o character atrofiar-se-ha.

«Colocai mesmo o filosofo de mais alto espirito no meio do desconforto de todos os dias, da imoralidade e da vileza e éle insensivelmente gravitará para a brutalidade».

Nesse meio nunca será possível formar uma natureza delicada, sensível ao mal, pura em espirito e coração.

Ao contrário, um lar confortavel, irrepreensível de asseio, cheio de luz e de flôres é o habitat propicio para a expansão dos sentimentos elevados.

Em casa a criança bem lavada (que o banho não só dá saude ao corpo como inspira o respeito próprio) deve encontrar tanta felicidade quanta os seus pais lhe possam dar.

Não deve esquecer-se que a felicidade só por si tem um grande efeito ético.

Mas se é verdade que o lar a familia e especialmente a mãe tem tão grande influencia na formação do character da criança, e se é verdade que por vezes essa influencia se exerce da forma mais benéfica, é incontestavel que na maioria dos casos esses elementos operam da maneira mais nociva por força da ignorancia ou da incuria.

Ainda hoje e sobretudo para nós, são oportunas as palavras que Spencer escreveu ha mais de meio seculo no seu notavel artigo sobre Educação Moral:

«A direcção moral das crianças, pela familia, é lamentavelmente má. Ou os pais não pensam nela ou as suas conclusões sobre esse assunto são errôneas e ilógicas».

Compenetrai-vos pois das vossas tremendas responsabilidades.

—Evitai aos vossos filhos todos os espectaculos, todos os gestos todas as palavras que possam representar ideias ou sentimentos vis ou imorais.

—Sede cautelosos nos castigos a aplicar-lhes. Spencer afirma que as unicas punições que não são prejudiciais ao character são as que resultam das reacções naturais. Isto é, os inconvenientes naturais da prática dos actos censuráveis, são os unicos que deve sentir a criança. Assim como na vida prática, o preguiçoso perde os comboios ou é despedido dum bom logar por não chegar a horas ou por não trabalhar bastante, igualmente a criança será castigada com a privação dos seus recreios quando não começou a trabalhar com pontualidade, ou ficando em casa enquanto os irmãos vão passear, por não estar pronta a tempo.

Quaisquer que sejam, porem, os seus castigos nunca devem eles resultar da indignação de quem os aplicar e; para isso, nunca num momento de mau humor se deve punir.

Quem ha que não tenha nunca ouvido dizer a mãe dalguma criança uma frase como esta: «o rapaz impacientou-me; eu estava mal disposta e dei-lhe dois açoites ou (peor ainda) duas bofetadas»?

Aquela que assim procede usurpa o nome de mãe de que é indigna. O menos que poderemos dizer dela para sermos indulgentes é o que diz o filosofo inglez: «está formando um membro barbaro da sociedade barbará a que pertence».

Os castigos arbitrários ou desproporcionados com o delicto, tem sobre a criança tão desastrado efeito que eu não duvido afirmar que na maioria dos casos se não deve castigar.

Não tireis aos vossos filhos a confiança em si próprios.

Nada mais contraproducente do que dizer a umá creança «tu és um incapaz, um preguiçoso, um imbecil». E, depois: nada ha mais injusto. Quem não conhece a historia do grande Demóstenes, rouco, de difficil elocução, quasi gago, e que a poder de pertinácia, de força de vontade, de persistência, elevou a oratória onde ela nunca chegára na Grécia?

O maior actor conhecido, o grande Talma foi assobiado quando pela primeira vez appareceu na scêna.

Disraeli, o brilhante Lord Beaconsfield, sofreu um completo desastre nos seus primeiros discursos, riram-se d'ele.

E' pois um erro desalentar a criança. Pelo contrario, deve incutir-se-lhe o culto de persistencia, deve ensinar-se-lhe a resistir aos insucessos, visto que elles só servem para desenvolver a coragem e estimular novos esforços.

Nenhuma influencia moral pode exercer-se sem os maiores cuidados com o amor próprio da criança.

«Pais, não desanimeis os vossos filhos» foi já o grito de S. Paulo.

Incutei-lhes confiança nos seus mestres, que melhor poderá ser o seu ensino se fôr recebido com fé.

(Continua)

ALBERTO MACHADO



REVOLUCIONARIOS A CAMINHO DA CAMARA MUNICIPAL.

## DIAS DA REVOLUÇÃO

Sem duvida, os nossos leitores estão, a esta hora, informados pelas gazetas dos graves acontecimentos que ocorreram em Lisboa desde o dia 14 até ao dia 16 do mês corrente. E' nosso intuito, agora, registrar no «Occidente» os factos taes quaes eles succederam—nem mais, nem menos.

Dia 13— quinta-feira de ascensão — o povo não deixou de ir ao campo colher a tradicional espiga; entretanto, os boatos já corriam provocando alarme nos espiritos timoratos. Todavia, nada se sabia, ao certo. A's três horas e meia, ouviu-se um tiro disparado dum navio que devia tomar parte principal no movimento — sinal combinado com os elementos de terra para que todos se puzessem a postos.

Iniciava-se assim o movimento no «Vasco da Gama». Dez minutos depois fizeram-se ouvir ainda dois tiros e ao depois, mais espaçado, um outro tiro. O capitão de fragata, sr. Leote do Rego assume o comando supremo do movimento no Tejo. O sr. Assis Camillo, comandante do «Vasco da Gama», que intentou obstar ao movimento, foi assassinado pelos elementos revoltosos. A breve trecho, aderem os barcos — «Adamastôr», «Almirante Reis», «S. Gabriel»...

Mal se ouviram os primeiros tiros de bordo dos navios, os civis, aos gritos de «Viva a Republica» e «Abaixo a ditadura» assaltaram o quartel de marinheiros, tendo, antes, o terceiro esquadrão da guarda republicana, cuja sede fica em frente, dado uma descarga sobre os assaltantes, sem grandes resultados.

Ficaram feridos os officiaes fieis ao governo Pimenta de Castro, srs. Villar e Silveira Ramos. Os populares entraram de roldão no quartel de marinheiros, onde se armaram convenientemente. Ali se encontravam desde as primeiras horas, dando ordens, srs. capitão tenente Freitas Ribeiro, major Sá Cardoso, e médico de marinha, José Sequeira.

Grande parte da guarda fiscal aderiu ao movimento. Os revoltosos dirigiram-se a Alcantara, onde o povo os aclamou delirantemente.

No Governo Civil concentraram-se as forças da maioria das esquadras e diversos elementos civis. Distribuíram-se vedetas pelas embocaduras das ruas e pelo dia adiante travaram-se renhidos tiroteios—que demons-

traram, de parte a parte, audacia e valentia incontestaveis.

Logo ao romper da madrugada, o arsenal da marinha ficou em poder dos revolucionarios. Cercavam o edificio, desde o Terreiro do Paço até ao Caes do Sodré, forças de infantaria 5. de infantaria 16 e uma força da guarda republicana. Parte da Guarda republicana solidarisou-se com os revoltosos.

Começou o ataque que sómente cessou, de ambos os lados, á uma hora, em virtude dum armistício combinado até ás duas horas da tarde. Redobrou de furia, então, a refrega. A certa altura, artilharia 1 veio postar-se em frente do arsenal da marinha com o fim de o atacar. Infantaria 16, que tambem atacava aquele edificio, tomando a artilharia pelo inimigo, rompeu fogo contra ela, outro tanto fazendo os revoltosos que a dispersaram com três metralhadôras e três canhões colocados no telhado do edificio. Verificado o engano, as forças de infantaria 16 e de artilharia 1 voltaram ao ataque já em perfeito entendimento, sendo recebidos por vivo canhoneio e fusilaria do arsenal. A luta durou algum

tempo—mas por fim os atacantes pactuaram com os revolucionarios.

O edificio do Arsenal do Exercito foi logo assaltado pelos populares que pretendiam apoderar-se de armas e munições. Entraram, armaram-se—e prepararam-se para receber com forte fusilaria os soldados do posto do Museu de Artilharia, que fica proximo e tentavam reprimir os assaltantes.

Depois de grande tiroteio — as forças do Museu renderam-se...

A luta tomou alfa gravidade no Alto de Santa Catarina, onde foram postar-se forças de artilharia 1 que disparavam incessantemente contra os barcos revoltosos, surtos, em frente, no Tejo.

Resultaram varias mortes, muitos ferimentos e grandes estragos nos predios circunvisinhos do Alto de Santa Catarina.



REVOLUCIONARIOS PASSANDO NO LARGO DO CONDE BARÃO



PROCLAMAÇÃO DO NOVO-GOVERNO NA CAMARA MUNICIPAL.

(Clichés do sr. Fonseca Baptista)

Uma granada derribou uma cimalha do Liceu Passos Manuel; outra cae nos escritorios do «Seculo». Outra granada estilhaçou os vidros de duas janelas do 5.º andar do predio do Calhariz, onde sr. Bueno Romera, dentista, tem o seu consultorio, ferindo ainda um homem, uma mulher e uma criança.

Sobre os telhados dos Armazens Grandela rebentou uma granada, que produziu destroços e feriu uma governante daquelle estabelecimento. Outra granada, rebentando no predio, onde residia, no Alto de Santa Catarina, o sr. José Ribeiro da Cunha, matou este antigo deputado e governador civil do Funchal no tempo da monarchia.

Taes fóram, relatados, a breves traços, e referidos os seus pontos salientes, os acontecimentos succedidos em Lisboa, nos dias revolucionarios de 14 a 16 do mês corrente, que oxalá não tornem a repetir.



DR. FERNANDES COSTA  
ministro da Marinha



DR. MANUEL MONTEIRO  
ministro do Fomento



DR. JOSÉ JORGE PEREIRA  
ministro das Colonias



DR. PAULO FALCÃO  
ministro da Justiça



DR. SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA  
ministro da Instrução



DR. TEIXEIRA DE QUEIROZ  
ministro dos Estrangeiros



TOMÉ DE BARROS QUEIROZ  
ministro das Finanças

O sr. dr. Paulo Falcão é advogado muito conhecido no Porto por onde foi eleito deputado numa das legislaturas da monarchia. Foi também governador civil daquele distrito quando se proclamou a Republica.

O sr. Tomé de Barros Queiroz fez parte das Constituintes conservando-se como deputado até ao tempo da renuncia dos parlamentares unionistas. Já exerceu no ministerio das finanças o lugar de secretario geral.

O sr. dr. José de Castro, republicano, desde menino e moço, mantém ainda hoje o mesmo ardentissimo entusiasmo pelo seu ideal politico. Caracter honestissimo—temperamento de lutador.

O sr. dr. Fernandes Costa, antigo republicano, é advogado muito distinto em Coimbra. Procla-



DR. JOSÉ DE CASTRO  
ministro da Guerra



MARIANO MARTINS, 1.º TENENTE DA ARMADA  
Governador civil de Lisboa

mada a Republica foi escolhido para presidente da Junta do Credito Publico e foi no ministerio João Chagas, ministro da marinha.

O sr. dr. Teixeira de Queiroz—é aquele escritor notabilissimo e carater integro que todos conhecem e admiram em Portugal.

O sr. dr. Manuel Monteiro é uma intelligencia lucidissima de que muito tem ainda a esperar o povo portuguez.

O sr. dr. José Jorge Pereira é um tenente medico naval muito considerado na armada pelas suas grandes faculdades de trabalho.

O sr. dr. Magalhães Lima, tribuno, propagandista, escritor, advogado, grão-mestre da Maçonaria Portuguesa, é de todo o mundo conhecido e apreciado.

Em reconhecimento dos altos serviços prestados á causa dos revoltosos nos dias 14, 15 e 16 de Maio, foi nomeado governador civil do districto de Lisboa, o primeiro-tenente da armada, sr. Mariano Martins. Dotado de intelligencia e actividade—a sua nomeação mereceu o aplauso do povo republicano.

Em virtude dos acontecimentos revolucionarios que acabamos de referir, deu-se a queda do governo Pimenta de Castro, ficando assim constituído definitivamente o ministerio:

João Chagas — *Presidencia e Interior*;

Paulo Falcão—*Justiça*;

Tomé de Barros Queiroz—*Finanças*;

José de Castro—*Guerra*;

Fernandes Costa — *Marinha*;

Teixeira de Queiroz—*Estrangeiros*;

Manuel Monteiro—*Fomento*;

José Jorge Pereira—*Colonias*;

Sebastião de Magalhães Lima—*Instrução*;

O sr. João Chagas era nosso ministro em Paris, logar de que pediu a demissão, ha pouco tempo. Foi presidente do primeiro ministerio constitucional da Republica.

Distinguiu-se sempre como um energico polemista e tornou-se um dos vultos mais em destaque na revolução de 31 de Janeiro. Foi, ha semanas, vitima duma tentativa de assassinato da parte do senador, sr. João de Freitas, já falecido.

# CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

## PELO MUNDO FÓRA

As atenções mundiaes concentram-se na lucta ha dois meses iniciada e cujo termo ninguem pode conhecêr, tantos são os factores em jogo e tão desencontrados e antagonicos os interesses das nações em litigio. E' sobretudo o dominio dos mares que se pretende conquistar. O sceptro de Neptuno continuará na posse da nobre Albion? Tudo o leva a crêr, embora a Allemanha se esforce titanicamente para alcançar esse supremo objectivo de lucta de vida ou de morte em que se metteu.

Como consequencia do bloqueio ha a registar o torpedeamento do transatlantico *Lusitania*, por um submarino allemão, ao largo da barra de *Kinsale*, no mar da Irlanda.

Este paquete, pertencente á *Companhia Cunard Line*, afundou-se em 20 minutos, perecendo mais de 1.500 pessoas, entre as quaes o grande millionario *Alfred Vanderbilt*, que se desfizerá do seu cinto de salvação para o offerecer a uma senhora!

O ataque brutal e repentino não deu tempo a que se pudessem utilizar os escaleres salva-vidas, de modo que a catastrophe assumiu os mais horrosos aspectos, provocando universal protesto contra a Allemanha, que, perante as reclamações do governo de Washington, se desculpa, dizendo que o paquete transportava 5.400 tonelladas de munições e que além disso a maior parte da carga se compunha de contrabando de guerra.

Não ha no entanto nada que justifique uma violencia d'esta ordem. A indignação augmenta contra os auctores de tão grave attentado contra a vida e os haveres de tantos innocentes. A Allemanha desculpa-se ainda dizendo que a sua embaixada em Washington publicára, nas vespervas da partida do grande paquete um aviso annunciando que elle seria atacado. *Vanderbilt* recebeu mesmo um telegramma aconselhando-o a que adiasse a partida. Alguns passageiros renunciaram á viagem; outros porém viram no aviso apenas uma tentativa para amedrontar os passageiros e prejudicar a companhia inglesa, e insistiram na viagem, tendo a aguardá-los o tragico fim perto da Irlanda.

*Vanderbilt* é o segundo millionario americano que morre, em anos recentes, num grande accidente maritimo. O outro foi *John Jacob Astor*, que pereceu no celebre naufragio do «Titanic».

*Astor* foi, como *Vanderbilt*, victima da nobreza do seu character, ajudando a metter no ultimo escaler que partia as mulheres e as creanças!

Outra victima do injustificavel attentado allemão foi o padre *Maturin*, primeiro prégador catholico da Inglaterra, insigne escriptor e pensador profundo. Tinha sido clerigo protestante, e ha uns quinze anos, convertera-se ao catholicismo, tendo justificado a sua conversão num livro notavel: — *O Preço da Unidade*.

Nos Estados Unidos receava-se que o paquete «*Transylvania*» soffresse identico destino do «*Lusitania*», felizmente

graças á sua velocidade conseguiu escapar á perseguição dos torpedos allemães. A *Cunard Line* suspendeu temporariamente as carreiras para *New York*.

A repulsa anti-allemã, originada pela perda do «*Lusitania*» tem assumido proporções medonhas tanto na America como na Europa.

Em Inglaterra, sobretudo em *Londres*, *Manchester* e *Liverpool*, foram assaltados os estabelecimentos austro-allemães. Por toda a parte se pensa em despedir os allemães dos empregos que accupavam.

O «*Lusitania*» destinava-se como o seu irmão gêmeo «*Mauritania*» ás carreiras entre a Gran-Bretanha e os portos dos Estados Unidos e do Canadá, occupando-se exclusivamente no transporte de passageiros.

Deslocava 31.550 toneladas. Tinha 735 pés de comprimento e 78 de largo. As suas machinas de 68.000 cavalos de força, desenvolviam uma velocidade de 26,6 nós.

O «*Lusitania*» e o «*Mauritania*» eram dos maiores collossos da frota de commercio do Reino Unido. Na Allemanha, só o «*Vaterland*» e mais dois ou trez paquetes de luxo os excedem.

O systema de turbinas que lhe foi applicado obteve na pratica um exito que nunca os inventores tinham sonhado, e a velocidade do «*Lusitania*» é tal que chegou a fazer a travessia de *Londres* a *New York*, em Fevereiro de 1911, em 4 dias, 17 h. e 40 m.

Até 15 do corrente os navios mercantes inglezes afundados ou capturados desde o começo da guerra sommam 460.268 toneladas e o numero de mortos a bordo d'esses navios é de 1556. A tonelagem da marinha mercante allemã destruida ou capturada no mesmo periodo attinge 314.465 tonelladas.

A marinha de guerra inglesa tem a registar a perda de mais algumas unidades de valor, empenhadas no ataque dos Dardanellos. Entre ellas o couraçado «*Goliath*», com mais de 500 vitimas.

O «*Goliath*» pertencia á classe do «*Canopus*», tendo ainda por similares o «*Albion*», o «*Glory*» e «*Vengeance*».

Deslocava 12.950 tonelladas, tinha 125<sup>m</sup> de comprimento, 22 de bocca e 7,5 de pontal.

O seu similar «*Ocean*» foi afundado nos Dardanellos em fins de março.

Durante as operações no littoral da Belgica, o contra torpedeiro inglez «*Mauri*», bateu n'uma mina a duas milhas a norweste do pharol de *Wislingen*, afundando-se e sendo-lhe aprisionado pelos allemães 7 officiaes e 88 marinheiros.

Em terra tem-se dado violentissimos combates, com assignaladas vantagens para os franco inglezes da Flandres e na França.

No Norte de *Arras* fizeram os allia-dos muito prisioneiros e tomaram importante material de guerra.

Os russos recuam no sector principal entre o *Vistula* e os *Carpathos*.

Os allemães tomam-lhes *Libau*, occupam as cidades de *Faslo* e *Dukla*. As tropas austro-allemãs combatem a sudoeste de *Przemysl* e affirmam que desde 1 de maio tem feito 104 prisio-

neiros turcos, como 72 canhões e 253 metralhadoras.

Os ingleses ganham vantagens em *Ypres*, mas reconhecem a necessidade de recrutar mais 300.000 homens!

Cada vez mais cruel a guerra. Augmenta o numero de combatentes e consequentemente alarga-se o campo de accção.

A Italia sahiu do periodo das hesitações para o campo da lucta ao lado dos allia-dos.

As manifestações pró-guerra iniciadas ruidosamente em toda a Italia provocaram a queda do ministerio da *Salandra*, sendo chamados a formar gabinete os srs. *Marcora*, presidente da camara, e *Cercano*, ministro das finanças, que foram de opinião que devia confiar novamente o encargo ao sr. *Salandra*. Grande entusiasmo em todo o paiz. As acclamações ao rei choveram de toda a parte, *Gabriel d'Annunzio* recebeu applausos delirantes. Gritava-se pela entrada immediata da Italia no conflicto. Só os socialistas se oppunham, organizando manifestações neutralistas, que não tinham echo.

*Giolitti*, era accusado de Germanophilo e apupado.

Assaltam-lhe a casa, bem como a do jornal Germanophilo «*Vita*».

Em Trieste dão-se manifestações sangrentas, com morras ao imperador da Austria.

*Salandra* é victoriado. Aguarda-se a votação do Parlamento. O chefe do governo apresenta um projecto de lei, composto d'um unico artigo, em que se concedem ao governo, no caso de guerra, poderes extraordinarios para tomar as medidas com força de lei que considerar necessarias para prover á defesa do Estado, á salvaguarda da ordem publica e ás necessidades urgentes da economia nacional. O projecto foi approvado por 407 votos contra 74. Exceptuando os partidarios de *Giolitti* e os socialistas revolucionarios, a votação foi acolhida por todos com uma retumbante ovação á Italia.

Após a votação houve entusiasticas manifestações, com marchas «aux flambeaux» a saudações ao rei *Victor Manuel* e a *Gabriel d'Annunzio*.

O Senado approva, por unanimidade, o projecto do governo. A França acolhe com alegria a resolução da Italia, affirmando que a sua decisão marca a data da libertação definitiva da Italia, a restauração da fraternidade latina e a phase suprema da crise europeia, cuja conclusão deve ser libertar do Germanismo todos os paises de cultura latina ainda sob a sua oppressão.

A imprensa austro-allemã ameaça a Italia. Mas se o chanceller *Bethmann Hallweg*, no *Reichstag*, e o conde de *Tisza*, na Camara hungara, fazem declarações attinentes a modificar o curso da politica italiana.

A Allemanha e a Austria desejam que seja a Italia que declare a guerra. O embaixador da Italia em Vienna, Duque de *Avarna*, retira se para o seu pais. O mesmo fazem o principe de *Buloso*, embaixador allemão em Roma, e o barão *Macchio*, embaixador austro-hungaro.



Mobilizam-se 1.700.000 homens; na fronteira austro-italiana começam a dar-se ligeiras escaramuças.

A guerra é pois inevitável. Tudo está a postos. Até o Vaticano já permite o alistamento dos officiaes da guarda do Pontifice.

A Allemanha porém tenta deter a marcha italiana. O Chanceller do imperio, no Reichstag, diz que possuido do desejo de manter as relações amigaveis com a Italia, a Austria tinha feito as seguintes amplas e importantes concessões; 1.º Cederia a parte italiana do Tyrol; 2.º Igualmente a Morgan de Oeste do Isonza, com Gradisca, em quanto a população fosse italiana; 3.º Trieste seria elevada a cidade imperial, recebendo municipalidade com character italiano e universidade italiana; 4.ª seria reconhecida a posse de Valona e ficaria considerada esphera de interesse italiano a região pertencente; 5.º a Austria declararia o seu desinteresse politico na Albania; 6.º receberiam consideração especial os interesses nacionaes italianos na Austria; 7.º Amnistia para todos os crimes militares e politicos nos districtos cedidos; 8.º teriam tomado em benevola consideração os mais desejos italianos quanto aos assumptos que se ligam com o conjuncto de convenio; 9.º Depois de concluido o convenio a Austria declararia solemnemente a cedencia; 10.º Formar-se-hiam commissões mixtas para regular sobre os particulares da cedencia; 11.º Depois da cedencia, os soldados naturaes dos districtos cedidos não continuariam combatendo na actual guerra. O leal cumprimento d'este convenio seria expressamente garantido pela Allemanha. O Parlamento e o povo italiano poderão



VICTOR MANUEL II, REI DE ITALIA

resolver livremente se quer vêr satisfeitas as suas aspirações nacionaes na mais ampla forma e pacificamente, ou se deseja lançar o paiz na guerra desembainhando a espada contra os seus alliados. «Seja qual for a resolução tomada, nós temos a consciencia de ter feito o possivel para manter a alliança que tem solidas raizes no povo allemão e acarretou vantagens ás tres nações.

*Se um quebrar a alliança, saberemos affrontar, de mãos dadas com o outro, tambem novo perigo com fé e confiança no futuro.»*

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

## GENTE NOVA

(Impressões do meio coimbrão)

### A Academia

Quando vim para Coimbra, ha cinco annos, senti, como toda a gente sente, uma decepção enorme. Trazia a minha alma acalentada de lendas... Então era aquillo a Rainha do Mondêgo?

Eu scismára em cantigas d'amôr, em trovas ao luar, em guitarradas, em bohémia, em espirito... Sobretudo em espirito.

E afinal creio bem que só se encontra o de... vinho, nas tabernas da cidade...

De então para cá um rictus amargo vincula-me profundamente. E vou por essas ruas fóra, tantas vêzes sosinho, hoje apontado como um *maduro*, amanhã como um *asceto*...

Atravez do meu desolado pessimismo a Academia é bem morta.

Lembrei-me no entanto de consultar um Amigo, espirito raro de eleição, que passou á *Via-Latina* numa carreira de triumphos, envolto na sua capa e no seu *splendid isolement*, ri-

gido e austero, como um velho senadôr romano.

E' bondoso e acolhe os humildes como eu.

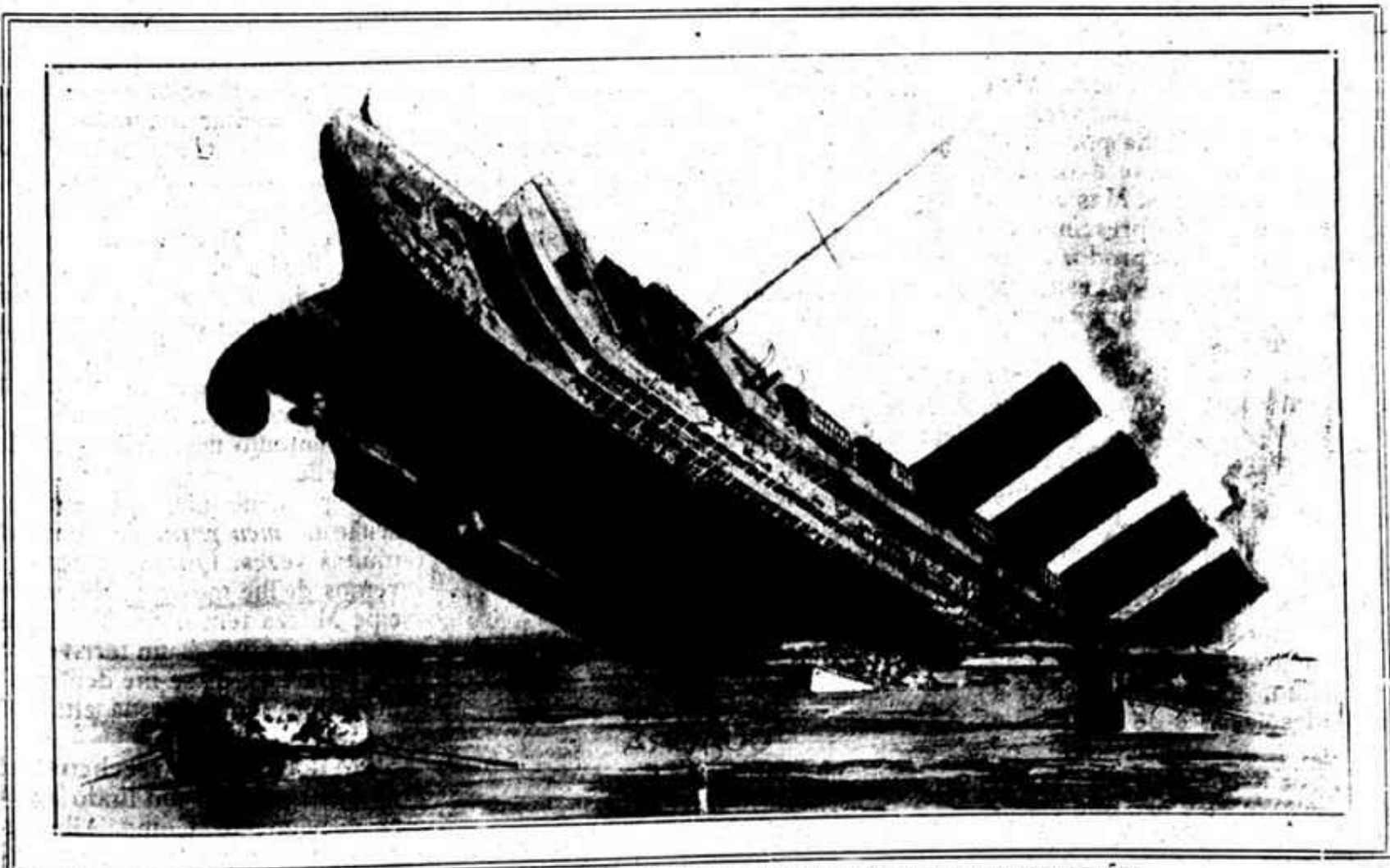
Por isso fui ao seu quarto onde ha muita ordem, muito aceio, muito ar, muito socêgo, muitos livros de estudo, e — coisa rara! — algumas bellas flôres em solitarios de crystal.

Julgo que prepara uma dissertação: hade entrar amanhã para a Universidade.

Installa-me numa cadeira abacial de júnco...

— Então?

— Olhe, vinha perguntar-lhe um ni-



NAUFRAGIO DO GRANDE NAVIO INGLÊS «LUSITANIA» TORPEDEADO POR SUBMARINOS ALEMÃES

lhão de coisas. Nem sei mesmo por onde começar. Mas digo-lhe já: é uma especie de entrevista. O que vale a Coimbra d'hoje, a Academia?

Tenho tantas saudades do Passado!

— Também eu, creia, meu Amigo...

E fitando-nos bem, perto um do outro, como quem troca impressões, nós começamos

Cortei rente no assumpto.

A Academia d'hoje?

— Ah! isto anda muito baixo. Quando a gente se lembra de outros tempos... Ainda não muito afastados de nós — parece que foi hontem! — a figura torturada do Anthero, de noite, numa roda de amigos, alli á Sé Velha, interrogando o Infinito naquella grande dúvida dos seus immortaes sonetos...

João de Deus cantava a naturêza e as cousas simples como só elle sabia num quasi recolhimento de S. Francisco de Assiz...

E o Eça de Queiróz — lembra-se? — começava a espalhar as flôres do seu humorismo gaulês...

Antonio Candido era a suggestão da palavra mais harmoniosa e mais clara de Portugal, em meio século...

João Arroyo... Vieira de Castro... Cunha e Costa... Antonio Nobre...

Tantos outros... Tantos outros...

E hoje? Prosadôres?

—?

Poetas?

—?

Oradôres?

—?

Artistas?

—?

Um dolorôso, pesado mutismo succedia a cada interrogação. Estavamos alli, como quem procura avidamente uma riquêsa, e nada encontra...

Depois elle tornou:

— E' certo que essas figuras que tanto admiramos pelo seu relêvo, vistas através os largos annos que as separam de nós, podiam bem sêr em Coimbra apenas uma promessa. Alguns delles passariam, porventura, ignorados. O nosso pessimismo pode effectivamente estar apoucando valores reaes; se é que, mais que o nosso temperamento de pessimistas, não deve ser accusada a actual vida academica de no-los não deixar vêr.

Não ha oradôres, não ha poetas. O poeta nasce, o oradôr faz-se — dictado velho de pessoas entendidas. Mas o certo é que qualquer delles não prescinde do meio que o eduque, o faça produzir, lhe dê a occasião de revelar-se e o estimulo de bem produzir. Ora Coimbra não tem hoje vida academica que necessite de oradôres ou poetas, nem vida artistica que faça surgir do anonymato em que são ignorados, ou da modestia em que se occultam, temperamentos e educações artisticas. O que por ahi se tem feito neste sentido com Vianna da Motta e poucos mais, é nada ainda.

E' lamentavel decerto que a vida coimbrã academica perdesse o seu interesse, a sua nota caracteristica, a sua bellêsa. Mas, coitada, além do mal que de longe a vinha minando, não pode resistir a essa onda de desolação e de ruina, que avassála o paiz.

O mal vinha de longe, de muito longe. Mas foi a *Soberania do Povo* que acabou de perdêr.

O principio da auctoridade cahiu. Es-

patifaram cathedras. Alvejaram os nossos Reis. Morreu a *Cabra*. Vi-ram os cursos livres. Tentaram abolir a capa e a batina...

A Republica estabeleceu uma succursal nos Geraes... D'ahi em diante os rapazes olhavam-se desconfiados: eram quasi desconhecidos, para não dizer inimigos, e entre elles — vergonha suprema! — houve espiões... Correram professores, marcaram o tempo das ferias, escolheram o regimen dos actos...

O *fantoche* da auctoridade encolhia-se mais a cada imposição.

E os *immortaes principios de 89* deram o resultado, que se devia esperar...

A voz do meu Amigo tem o seu quê de dolorida commoção.

— Faltam-nos revelações de bons e cultos espiritos, de bons prosadôres, de bons poetas.

Mas apparecem — o que é peor ainda — obras de mediocres na prosa, do verso, no pensamento e no estudo. A causa é a mesma. O criterio egualitario talvez não podesse destruir as elites ou pelo menos a materia prima para futuros valores reaes, mas pode afugentá-los — desilludidos, cançados, aborrecidos... E' um phenómeno geral — quando quem manda e importa é o número e a força, os que valem por dotes raros não são subalternizados, porque não luctam; mas para o não serem isolam-se e não *marcam*. Sem competidôres, o campo está apto a nelle terçarem armas pela gloria e pelo triúmpho os que, por estarem sós, se julgam únicos.

Os poucos que ahi valem alguma coisa não exercem a minima influencia. Estudam, convivem pouco, não são ouvidos. A multidão desorientada, democratisada, tem horrôr á auctoridade, á superioridade.

Nivela, arráza, o que quer dizer, destrói.

E os *Integralistas*? arrisquei ainda.

— Tenho por elles muita consideração. Vejo nessa eschola rapazes inteligentes e bem intencionados. Oxalá elles tenham uma grande fé no seu trabalho e no seu destino.

Em França — deixe-me dizer-lhe — ha uma fé e uma esperanza ardentissimas. Charles Maurras é um athleta do pensamento; Georges Valois, Léon Daudet, Jacques Bainville, Maurice Pujol, o Conde de Montesquiou, para não fallar em outros, são uma legião de apóstolos...

A nossa palesira findára...

Era uma noite linda, aquella noite!

Confrangia-se a minh'alma, out'ora acalentada de lendas... Nem uma guitarrada ao luar, uma cantiga de amor...

E eu scismava no Choupal deserto, no Mondêgo silencioso, nas ruas abandonadas e tristes, e na antiga bohemia, e no antigo espirito e nas Tias Camêllas, onde a gente ceáva por seis e cinco...

Coimbra, maio de 1915.

M. S.

#### QUADRA

Jurei, juraste, jurámos,  
Sorri, sorriste, sorrimos;  
Afinal, passado um ano  
Um ao outro nos mentimos.

CORRÊA DA COSTA

## ROMANCE

M Dellyne

### A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

.....  
No dia seguinte, depois da missa, Myrto entrou na sacristia quando o padre acabára de despír as vestes de sacerdote.

— Oh! seja bem vinda! Então como passou o inverno? Está contente de vêr outra vez Voraczy?

Myrto respondeu ás perguntas do velho padre, pedindo lhe depois a chave da crypta.

Depois de Deus, desejo que a minha primeira visita seja para o pequeno Karaly.

— E' um pensamento digno do seu coração. Aqui tem a chave. Quatro vezes o nosso principe visitou este inverno a crypta! E' preciso pensar que almas angelicas intercediam por elle. Agora vae encontrar a campa cheia de flôres.

— Imagino, tem mudado muito.

O velho padre, sorriu-se um pouco.

— Não o vi depois do mez de janeiro, mas julgo que deve ter soffrido uma grande transformação.

Voltando da crypta funeraria dos Milcza, Myrto encontrou na sua secretaria uma carta que Thylda levou para o seu quarto. Conheceu logo que a carta era da sr.<sup>a</sup> Millou.

Esta senhora e a filha tinham escripto muitas vezes a Myrto e esta poude comprehender e convencer-se que não tinha sido esquecida pelas suas vizinhas.

Myrto sentou-se junto de uma grande janella e abriu o envelope de côr violeta, como sempre usava a sr. Millou.

Ha mais de oito dias que eu tencionava escrever, mas Albertina tem passado tão adoentada com febre, que não tenho tido cabeça para nada. Mas hoje, conforme posso, venho contar d'uma visita que tivemos, ha talvez dose dias, do seu primo, o principe Milcza. Ao principio ficamos admiradas, mas mostrou-se tão amavel, que nos poz bem á vontade. Tendo vindo visitar o tumulo da sr.<sup>a</sup> Elyani antes de partir para a Hungria, pensou em nos vir visitar para nos dizer noticias a seu respeito. Fallámos muito da minha bôa Myrto, viu o quarto da sua mãe, analysou as suas antigas flôres. Conte-lhe dos seus bons sentimentos de filha, e elle ouviu com a maxima attenção as nossas palavras. Quando viu o Joãozinho, o seu olhar torvou-se, lembrou-se, coitado, do filho.

Assentou o nos joelhos e fallou muito com elle.

O pequeno não falla em outra coisa, senão no *meu principe*, como elle repete muitas vezes. Quando formos ricos, havemos de lhe mostrar a Hungria. O principe Milcza tem o condão de agradar. O meu genro que é um terrivel democrata, *em palavras*, disse-me depois do seu primo sahir: «se todas da alta rôda fossem assim!»

No dia seguinte recebemos uma carta do principe com um lindo brinquedo para o pequeno. Como Albertina não se sentisse bem, meu genro e o pequeno foram agradecer ao palacio do principe.

Foram recebidos optimamente e vieram encantados. Uma nossa vizinha já nos veio dizer que o tumulo de sua mãe está cheio de flôres, foi o principe com certeza.\*

Myrto suspendeu a leitura com os olhos cheios de lagrimas.

Como elle é bom e delicado!

Como a sua alma se vae transformando pouco a pouco!

—Oh! meu Deus, como vos poderei agradecer tanta misericordia?!

O principe Milcza chegára no dia marcado. Um telegrama chegado de manhã, informára a condessa.

—Não se demore, Myrto, disse Terka vendo sua prima sair pela duas horas da tarde, o principe chegará antes das cinco.

—A presença de Myrto é necessaria, disse Irene ironicamente.

Que ideia! disse a mais velha, recommecendo a leitura.

Myrto sahio do palacio tomou a direcção da aldeia, pensando que seria conveniente apparecer logo a Milcza, demais sabendo quanto elle se tinha mostrado bom para com ella e com os seus.

No lugarejo de Lohacz, Myrto tornou a visitar os seus pobres, e notou que tudo tinha melhorado e que o nome de Milcza já não era dito com tanto temor,

—O sr. principe, disse um d'elles, tem tenção de reformar todas as nossas casas.

Myrto entrou n'um verdadeiro casebre

onde vivia uma viuva e duas filhas. O medico estava lá, ralhando com a mais velha, pois não deixava fazer o curativo em um dedo doente.

—Volto amanhã, mas será um pouco tarde para se curar bem.

Myrto quiz socegar a pequena furia. A sua voz de amor conseguiu tranquilisar a pequena.

Quando o curativo ficou prompto, Myrto voltou logo para Voraczy afim de mudar de vestido.

Mas quando chegou soube que o principe já viera. Então Myrto entrando pela porta de servico foi logo para o quarto.

Um quarto d' hora depois, sentiu bater á porta do seu quarto, era a condessa Zolaryi.

—Aconteceu lhe alguma coisa? Meu filho ficou admirado de não a ver!

—Demorei-me, sem querer.

—Entim, depois lhe dirá a razão.

Elle disse logo: «Myrto ou está cumprindo um dever ou sente-se doente.»

Não calcula como está mudado! Parece o Milcza de antigamente, o principe encantador. Já não possui aquelle ar de gêlo que sempre tinha. Parece-me que a Irene teve razão quando disse que um segundo casamento não era estranho á sua nova vida. Talvez a viscondessa de Solieres... é muito intelligente e boa.

O que tem de ser tem muita força. Já me disse que jantava com todos d'aqui para o futuro na sala dos banquetes, mas com a maxima intimidade, por isso não será necessario mudar de vestido.

Myrto apenas tinha um vestido me-

lhor, e que fazia muita differença dos vestidos das suas primas, por isso aquelle pedido era superfluo.

Myrto desceu um bocado antes da hora de jantar. A sala das Princesas estava toda illuminada.

Quando Myrto acabava de fechar n'uma gaveta a sua carteira sentiu abrir-se uma porta, era o principe Milcza que entrava.

Não era o Milcza antigo era aquelle que Myrto tinha visto n'um quadro em Paris. No cabelo, no fato, nas maneiras, na voz, tudo n'elle era differente!

—Até que emfim a vejo, Myrto! sabe, estou um pouco zangado; mas espero que se defenda para depois a condemnar.

Myrto então contou a causa da demora, a sua estada na casa da viuva, o curativo, etc.

—Logo vi que haveria uma Santa Isabel.

—Como está o seu hombro?

—Vae agora melhor, mas soffri bastante e foi por isso que me demorei. Venha mais para aqui onde haja mais luz para vêr se tem melhor ceia que pelo Natal. Estes ares são tão bons.

—Sinto-me tão contente quando aqui estou.

—Eu tambem. Tinha vontade de deixar Paris, apesar de certas tristes recordações, que sinto aqui.

Milcza apertando as mãos de Myrto disse:

(Continua)

## NECROLOGIA

### D. Antonio Moutinho

Bispo de Portalegre

O illustre prelado, falecido, em Portalegre, dia 18 do corrente, foi um dos que mais lustre tem dado á igreja Lusitana.

D. Antonio Moutinho nasceu na freguezia de Aguas Santas, do bispado do Porto. No Seminario desta cidade estudou e formou-se em teologia na Universidade de Coimbra, em 1895. Em 1891 já estava encarregado da freguezia de Vila Nova de Gaia, sendo colado, em 1898. Aqui fundou escolas, creou a Conferencia de S. Vicente de Paula com larga distribuição de esmolas. Fundou o Circulo Catolico de Operarios. Ao mesmo tempo desempenhava o logar de professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario do Porto.

Foi proclamado padre benemerito pelo Cardeal D. Americo.

Nomeado prelado de Moçambique, em 7 de março de 1901, foi sagrado Bispo titular de Argos,



D. ANTONIO MOUTINHO, BISPO DE PORTALEGRE

na Sé do Porto, na Epifania de 1902.

A sua passagem pela provincia de Moçambique foi assinalada por actos de piedade e de benemerencia, tendo sempre em vista a educação e instrução dos seus diocesanos. Fundou na Beira o Instituto Pio X destinado a educar a infancia. Estabeleceu a espensas suas uma officina tipografica na Escola de Artes e Officios de Lourenço Marques.

Em 1906 passou á diocese de Cabo Verde, onde continuou sempre no empenho de bem civilisar os povos, por meio da instrução e das missões.

Depois de oito anos de serviços prestados no Ultramar, onde despendeu o melhor da sua vida e saude, veio presidir á diocese de Portalegre onde foi recebido com grandes festas publicas, em testemunho de suas virtudes de que deu sempre provas e onde sua morte é agora muito sentida.

# CURSO INTERNACIONAL

Largo do Caldas, 1, 2.º

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

**Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:**

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Ph to-miniatura, tarso metaloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriais e Comerciaes. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

## CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5 — Pensionistas a 1\$8000 e 2\$8000 réis mensaes.

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

# TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

\* \* \* \* \* LISBOA \* \* \* \* \*

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



## Preparado

que  
por completo  
tira a caspa

evita a queda do cabelo

### Lotion

Marie Louise  
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

## Capas especiaes

PARA

### ENCADERNAÇÃO DO "OCCIDENTE"

Em percalina cor de castanha e dourado a ouro fino

Ha capas para todos os anos do «Occidente» ao preço de 800 réis cada. Capa e encadernação 1\$200 réis.

Enviã-se pelo correio franco de porte. Volumes do «Occidente» para completar coleções, vendem-se encadernados ou em brochura.

Pedidos á Empresa do "Occidente"

Largo do Poço Novo — Lisboa

## Livraria Inglesa

DE

**M. LEWTAS & TABOADA**

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo inglezes para todas as classes adoptados nos lyceus. Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis. Sortimento de guarda-chuvas, bengalas, sombrinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

## O TESOURO DO CABELO

À venda nas farmacias e drogarias etc.

Deposito geral: **SANTOS & SILVA VIEIRA**

Rua da Boa Vista, 16 — LISBOA \* Telefone n.º 2.492

E' o unico que cura as doenças que fazem cair o cabelo e extermina a caspa. Numerosos atestados de medicos, farmaceuticos, etc., comprovam os seus efeitos. Frasco 1\$200 réis — 1/2 frasco 600 (Franco de porte para o continente e ilhas, enviando a importancia)

## Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis

Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

CALÇADA DA GLORIA, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 2139

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



### GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

### Xarope Pectoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893,

Lisboa 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Merico contra todas as afeções dos orgaos respiratorios, taes como: tosse, rehelda ou coryza, ataques asmaticos, bronquites agudas ou cronicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brasil.

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: **FARMACIA FRANCO, FILHOS**

**PEDRO FRANCO & C.**

Rua de Belem, 147 — LISBOA